

A QUESTÃO DA GERAÇÃO EM TURMAS DE EJA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA HISTÓRIA

THE ISSUE OF GENERATION IN EJA:
AN ANALYSIS FROM HISTORY

Anísio José Pereira Filho 1

Resumo: Esta comunicação resulta da sistematização de algumas reflexões sobre a experiência de dar aula em turmas de EJA, na Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME-Goiânia). Examina a questão da presença cada vez maior de adolescentes e jovens em turmas desta modalidade desde a perspectiva da história. Consta que esta presença leva os professores a um estado de perplexidade e inquietação, os adolescentes põem em questão a autoridade do professor e da escola, instauram o conflito com os alunos adultos levando-os à evasão, demandam uma nova organização do tempo e dos espaços escolares, reivindicam uma dinâmica diferente nas aulas. Desenvolve-se aqui a hipótese de que o estado de perplexidade dos professores é fruto da forma como eles avaliam a “cultura juvenil”, operando com a moral chegam a compreensões reducionistas que levam a atitudes preconceituosas. Por isso, este estudo propõe uma compreensão da questão que parte da geração como um instrumento metodológico do historiador, examina a especificidade da estrutura de relações entre as gerações em nossa sociedade hoje demonstrando a formação e o desenvolvimento de uma cultura juvenil autônoma, fruto da posição que os jovens assumiram no século passado como um grupo social específico e independente; e expõe, ao longo deste percurso, os componentes da cultura jovem que precisam ser compreendidos pelos professores à luz da história.

Palavras-chave: EJA; Geração; História.

Abstract: This article is the result of systematization of some reflections on the experience to teach in adult education classes. It examines the question of the increase presence of young people in classes of this modality from the perspective of history and notes that this presence leads teachers to a state of perplexity and restlessness. It develops the hypothesis that this state is the result of how teachers evaluate the “youth culture,” operating with morality. It proposes an understanding of the generation as a methodological tool of the historian, examines the specificity of the relationship structure between the generations in our society today and exhibits the components of youth culture that need to be understood by teachers the light of history.

Keyword: EJA; generation; history

Introdução

Nos últimos seis anos, trabalhando em turmas de Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA), da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME), foi possível constatar que a cada ano é maior o número de adolescentes e jovens frequentando as salas de aula desta modalidade. Machado e Rodrigues (2013) apresentam os seguintes dados retirados da Proposta Político-Pedagógica da EAJA da RME, período 2010-2013: em 2006, os alunos adultos e idosos formavam 45%; os alunos na faixa etária entre 15 e 25 anos eram 48,88% em 2007, 51,69% em 2008 e 49,42% em 2009. A pesquisa dessas autoras, sobre a implantação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos, na Formação Inicial e Continuada (Proeja FIC), em 2013, em dez escolas, mostrou que os alunos na faixa etária entre 15 e 29 anos chegaram a 68,33%, sendo que a maior parte estava entre 15 e 18 anos (MACHADO, RODRIGUES, 2013, p. 66). Embora seja um tema ainda pouco pesquisado, estudos (por exemplo, DOLLA e COSSETIN (2013); CARRANO (2007)) mostram que se trata de um fenômeno nacional. O perfil etário da EJA no Brasil mudou nos últimos anos.

A presença de adolescentes e jovens na EJA coloca uma série de questões para o cotidiano da sala de aula e para o processo ensino-aprendizagem. Na rotina vivenciada nestes anos e na fala de colegas professores da RME durante eventos, cursos, fóruns, aparece uma série de problemas: uso indiscriminado de celulares, indisciplina, desrespeito à autoridade de professores e corpo diretivo da escola, descaso com os estudos e com a escola, conflitos com os mais velhos que geralmente desistem da escola por não se adaptarem à convivência com os mais novos, uso de drogas e violência, etc. Sobretudo os adolescentes são tidos como um problema. Machado e Rodrigues (2013, p. 67) constata que os conflitos entre as diferentes gerações aparecem na Proposta Político-Pedagógica da RME e entre os professores do Proeja FIC/Pronatec como algo que inquieta gestores, professores e demais profissionais.

Também neste caso, os pesquisadores mostram que o quadro identificado em Goiânia é recorrente no cenário nacional. Paulo Carrano (2007, p. 1), constata que “para além da dimensão quantitativa expressa pela presença cada vez mais significativa desses jovens, parece haver certo ar de perplexidade – e, em alguns casos, de incômodo revelado...” pelos professores. Dolla e Cossetin afirmam que

Quando ingressam nas salas de aula da EJA, geralmente estes adolescentes não raramente estão desmotivados, desencantados com a escola regular apresentando com frequência comportamentos indisciplinados, sendo, portanto, vistos como problemáticos. Estes supostamente ocupam o espaço destinado ao aluno adulto, trabalhador que demonstra interesse pelo estudo, sendo aceitos, ao passo que o adolescente muitas vezes transgredir essa lógica, “atrapalha” (DOLLA, COSSETIN, 2013, p. 6).

A presença de adolescentes e jovens na EJA constitui-se, então, num problema que instaura a perplexidade e a inquietação na escola. A verdade é que as escolas e seus profissionais encontraram um problema para o qual não conseguem vislumbrar caminhos para a construção de soluções. Talvez isso ocorra por se tratar de um problema que ultrapasse os limites de competência da escola, mesmo assim é preciso reconhecer que ela tem falhado na área que é seu campo por excelência, o pedagógico. Carrano (2007), chama atenção para o fato de os adolescentes serem “sujeitos que emitem sinais pouco compreensíveis” para os professores; ressalta, assim, um aspecto fundamental: é necessário que o professor compreenda a “cultura juvenil” com a qual lida diariamente. Trata-se de uma demanda que exige respostas urgentes. Este trabalho, então, discute a presença de adolescentes e jovens na EJA tendo em mente a questão pedagógica, aquele momento do aluno na sala de aula com o professor.

Mas não estará focado exatamente no oferecimento das respostas demandadas. Assim, de saída, já chamamos atenção para este aspecto fundamental: é um caso complexo, não há resposta fácil. Pretende-se, aqui, pensar sobre os adolescentes e jovens desde a perspectiva da história, visando alcançar uma compreensão da questão que considere aspectos históricos, sociais e culturais. O estado de perplexidade e inquietação de professores e escolas é o problema. Neste

artigo, desenvolvemos a hipótese de que tal estado resulta da avaliação moral que os professores fazem da “cultura juvenil”. Acreditando que a compreensão desta cultura depende da mudança na forma como os professores a avaliam, partimos da pergunta: como o conhecimento histórico pode nos ajudar a compreender este tema? Visa, então, focar no esforço de compreensão, mobilizando o conhecimento histórico. Trata-se, portanto, de discussão que pode contribuir com o momento imediatamente anterior ao da ação pedagógica. Sabemos que a efetivação de boas medidas nas escolas dependem de uma compreensão que alcance minimamente a complexidade do assunto.

Adolescentes, jovens e escola como um problema histórico

No livro *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*, Mario Alighiero Manacorda constrói um panorama da educação no Ocidente, desde a Antiguidade até a época contemporânea, usando fartamente a citação direta de fontes de época. O resultado é um acervo interessante para a história da educação. Oferece vários exemplos de conflitos entre as novas gerações e as instituições de educação. Os exemplos a seguir foram retirados deste livro.

Tratando da educação na Roma Antiga, Manacorda escreve: “Agora é Juvenal que, na Sétima Sátira... resalta o persistente costume dos alunos: antigamente - diz ele - Aquiles nem sonhava rir-se da cauda do seu mestre centauro; agora, pelo contrário, qualquer criança costuma bater no seu mestre, mesmo que este seja um êmulo de Cícero” (MANACORDA, 1999, p. 90). Noutra ponto: “Às vezes são curiosos, de pequenas gaiatices, como roubar a merenda... ou o costume de escrever torpezas na lousa... Às vezes tratava-se de obscenidades mais diretas...” (MANACORDA, 1999, p. 91).

Durante a baixa Idade Média, o abade de Cluny, Pedro o Venerável, escreveu nos *statuta congregationis cluniacensis*:

Foi determinado restabelecer pelo menos em parte o antigo e santo trabalho manual... - O motivo desta disposição foi que o ócio ocupava tanto parte dos nossos que, com exceção dos poucos que liam e dos raros que escreviam, os outros ou dormiam apoiados às paredes do convento, ou do nascer ao pôr-do-sol e até durante a noite, pois podiam fazê-lo impunemente, passavam todo o seu tempo em conversas vãs, inúteis e, o que é pior, maliciosas (MANACORDA, 1999, p.141).

Sobre os clérigos vagantes e goliardos, do século XI aproximadamente, Manacorda escreve:

Os estudantes ou clérigos vagantes... não deviam ser hóspedes agradáveis para as cidades... pelo menos alguns deles, dedicaram seus anos universitários mais a divertimentos licenciosos do que aos estudos sérios, aproveitando a licença, obtida ou arrancada, para afastar-se de seus mosteiros. Os cantos goliárdicos remanescentes... falam mais de mulheres, vinho, caça desesperada ao dinheiro, conflitos com os mestres e os cidadãos, do que de estudos sérios (MANACORDA, 1999, p. 147).

A bula de Bento XII, “sanciona a sentença de excomunhão contra aqueles que, para obter benefícios, mandam outros em seu lugar para sustentar o exame de literatura, a aqueles que em lugar de outro sustentam o mencionado exame, ficam sem os benefícios de que gozam...” (MANACORDA, 1999, p. 155).

Manacorda cita ainda um contrato de 1272: “Os guardas têm a obrigação de vigiar as crianças para que não subam os telhados para pegar passarinhos, cegonhas, corvos ou outros pássaros... e para que não perturbem brincando com paus e pedras...” (MANACORDA, 1999, p. 156).

Conhecer essas ocorrências na Antiguidade e na Idade Média acrescenta algo novo à nossa compreensão do assunto? Como convém a alguém da área de história é preciso fazer uma apologia do conhecimento do passado. Conhecer essas ocorrências significa saber que o conflito entre jovens e escola já existia, o conflito entre jovens e adultos já existia, as novas gerações, já

naquela época, tinham dificuldade de seguir regras, de se acomodar aos costumes, a convivência entre gerações já era conflituosa. Saber disso acrescenta pouco, produz uma mudança sutil, mas é essa mudança quase imperceptível que leva a um grande aprofundamento da compreensão. Esse conhecimento produz uma relativização do problema, o problema é redimensionado porque é colocado na perspectiva temporal. O leitor é confrontado com o jogo de semelhanças e diferenças entre a realidade atual e o passado, este exercício de alteridade abre possibilidades de compreensão. Esperando que o exame da noção de geração contribua para ampliar o olhar sobre o assunto, este estudo parte da afirmação de que os problemas apresentados são resultado dos conflitos entre diferentes gerações, entendendo que este é um traço das sociedades ocidentais independentemente da época. E a escola é um *locus* privilegiado para tratar de questões de geração, uma vez que coloca num mesmo espaço, sob regras bem definidas, diferentes gerações para conviver.

A geração

Ao discutir as restrições e obstáculos que o historiador encontra para periodizar usando a noção de geração, Sirinelli (2000) aponta características desta noção muito importantes para este estudo. A noção de geração, para este autor, associa-se ao tempo curto e do acontecimento. Ela é empregada em relação a um grupo bem determinado da sociedade que só pode ser definido como geração quando adquire uma existência própria e uma identidade, geralmente determinadas por um fato inaugurador. Os fatos inauguradores sucedem-se sempre de maneira irregular, o que torna possível a existência de gerações curtas e gerações longas. As gerações, assim como os aspectos econômico, político, social e cultural não avançam no mesmo passo. É um fato natural e cultural modelado pelo acontecimento e derivado do sentimento de pertencer ou ter pertencido a uma faixa etária com forte identidade diferencial (SIRINELLI, 2000).

Daí que, para Sirinelli, a geração, corresponde a uma escala móvel de tempo, “... a história ritmada pelas gerações é uma ‘história em sanfona’, dilatando-se ou encolhendo-se ao sabor da frequência dos fatos inauguradores” (SIRINELLI, 2000. p. 135). É uma estrutura que a análise histórica deve levar em consideração, mas não é uma estrutura cronologicamente invariável. A geração é uma peça essencial da “engrenagem do tempo” de importância variável a depender dos setores - econômico, político, social, cultural - e dos períodos que se estuda. Dessa forma, possibilita captar um movimento temporal fundamental para o equilíbrio das sociedades.

A “comunicação” entre as gerações é um processo fundamental para aquilo que os sociólogos chamam de reprodução social. Com este termo eles geralmente referem-se à continuidade através do tempo de uma determinada configuração social, formada a partir da combinação de conjuntos de relações sociais, práticas, saberes-fazeres, conhecimentos, crenças, comportamentos, valores, ideologias, etc. A passagem de uma geração a outra, no que concerne à reprodução social, é um momento que combina mudanças e permanências. Se por um lado elementos de sociabilidade, de coerção, redes de solidariedade são eficazmente ensinados e mantidos pelas gerações mais velhas, por outro, eles são também modificados pelas novas gerações. Aquilo que se reproduz como organização social mantém o que havia antes mas acrescenta algo novo.

A noção de geração possibilita, então, constatar as marcas de diferentes épocas que convivem no presente. Aqui talvez seja mais produtivo falar através de exemplos. No mês de novembro de 2015 veio a público um caso ocorrido na cidade goiana de Piracanjuba. O prefeito Amauri Ribeiro, do PRP, deu uma surra na filha de dezesseis anos após ter visto fotos íntimas dela no aparelho de telefone celular. Depois da repercussão ele gravou um vídeo em que explicava: “Qualquer pai que tenha amor pela moral e zelo pela sua família teria se desesperado ao ver o que eu vi” (PREFEITO, acesso em 2015). As explicações do prefeito e os comentários nas redes sociais tiveram essa mesma característica: basearam-se na defesa da moral e dos bons costumes.

A filha do prefeito, ao fazer uma foto íntima usando o aparelho celular, repete um comportamento que se tornou comum entre as meninas da sua idade há pouco tempo. Faz uso de uma tecnologia relativamente recente que modificou a forma de comunicação e trouxe questões importantes como os limites entre o público (e o publicável) e o privado. Ela se reporta também a concepções sobre o corpo da mulher, sobre a condição da mulher, a sexualidade feminina, sobre o lugar da mulher na sociedade, que se constituíram a partir do enfrentamento da estrutura social

de predominância masculina. Essas concepções estão ainda num processo de afirmação e, por isso, encontram enormes resistências. Por outro lado, o pai, seja qual for os motivos que o levaram a essa atitude, lança mão em sua defesa de um discurso que ainda encontra legitimidade na sociedade em que vive. Reporta-se a uma época em que o homem tem suas prerrogativas - postas como obrigações - de homem, de pai, de marido. Como pai é sua obrigação decidir sobre o que é melhor para sua filha e zelar para que ela não saia desse caminho que ele escolheu, podendo para isso inclusive lançar mão da violência física. Para entender melhor casos como este é importante lembrar as palavras de Pomian citadas por Sirinelli: "A substituição das gerações, umas pelas outras, e a comunicação entre as precedentes e as seguintes fazem com que, a cada momento e em toda sociedade, estejam presentes pelo menos três tipos de discursos sobre os acontecimentos" (POMIAN *apud* SIRINELLI, 2000. p. 134).

Outro exemplo também nos vem do estado de Goiás, no mês de novembro de 2015. O governador do estado, Marconi Perillo, do PSDB, falando a empresários na Bahia, conta os motivos da militarização de algumas escolas da Rede Estadual:

Fui num evento e tinha um grupo de professores radicais da extrema esquerda me xingando. Eu disse: tenho um remedinho pra vocês. Colégio Militar e Organização Social. Identifiquei as oito escolas desses professores. Preparei um projeto de lei e em seguida militarizei essas oito escolas. O Brasil está precisando de "nego" que tenha coragem de enfrentar (TALENTO, acesso em 2015).

O governador deixa aparecer concepções políticas profundas da cultura corrente no Brasil. Remete a uma época onde o poder era exercido de acordo com a vontade de indivíduos que, seja pelo seu temperamento, seja pelas suas posses, seja pela influência que mantinham junto aos altos escalões ou por tudo isso junto, mandavam e desmandavam.

Esses exemplos, em síntese, permitem ressaltar a característica histórica do tempo. Em toda sociedade o presente não é um tempo homogêneo. Ele é atravessado por permanências do passado e novidades que apontam o futuro. As atitudes do pai e do governador deixam muito claro a permanência do passado colonial brasileiro a orientar as decisões e ações em 2015. Ao mesmo tempo, esse passado aparece atualizado em registros adaptados à realidade do século XXI. Por outro lado, o comportamento da adolescente aponta elementos atuais, apresenta alguma afinidade com movimentos sociais novos que atualizam a luta em defesa dos direitos da mulher e utiliza um suporte material típico dessa época. Olhar para a sociedade a partir da noção de geração é atentar-se para essa convivência, geralmente conflituosa, entre passado e futuro que constitui as sociedades humanas em todas a épocas.

Um ponto problemático é como essa comunicação entre gerações é percebida no senso comum. A chave de compreensão desta questão com a qual as pessoas normalmente operam é a moral. No senso comum o tempo histórico não é experimentado; as permanências do passado são sentidas muito mais como algo natural, são avaliadas a partir da moral, nunca tomadas no seu valor histórico. Disso resulta que o contato com as diferenças colocadas pelas relações entre gerações produz invariavelmente juízos de valor. Ações, comportamentos, crenças de gerações diferentes são sempre tomadas no plano do certo ou errado, bom ou ruim, pode ou não pode, etc. É corrente pensar o comportamento das novas gerações como prova da decadência humana, como se a cada nova geração a humanidade perdesse algo irrecuperável, é muito comum a frase "esse mundo não tem mais jeito". Essa avaliação moral impede que o caráter histórico da sucessão de gerações seja experimentado. Do ponto de vista histórico, o que a passagem de gerações nos mostra é que a moral não é algo imutável, algo natural. Pelo contrário, a passagem de uma geração a outra evidencia o movimento da moral, pois mostra valores sendo questionados e refeitos. Estudar a sociedade pela perspectiva da geração mostra que a moral é histórica e não o contrário. Os momentos de sucessão de uma geração a outra são momentos de disputas, de negociação, de conflitos; normas de comportamento, princípios, regras de convivências, valores são invariavelmente questionados pelas novas gerações, são reelaborados, ganham novos contornos. O que acontece, então, é um movimento da moral no tempo.

Surgimento de uma cultura juvenil autônoma

Diferentes gerações convivendo ocorre desde sempre, mas o tipo de relação que estabelecem entre si é específico para cada época, então, é importante examinar as relações entre gerações que temos hoje em nossa sociedade, o que há de específico nelas, para assim apreendermos o seu significado histórico.

No seu clássico *A era dos extremos*, Eric Hobsbawm entende que a mudança na estrutura de relações entre as gerações foi um dos principais aspectos de uma revolução cultural, ocorrida em meados do século XX, no Ocidente. O aumento de uma cultura juvenil específica e extraordinariamente forte indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações. A juventude adquiriu “autonomia” como uma camada social separada, tornando-se um agente social independente. Talvez em função disso, os anos 1960 foram caracterizados pela radicalização política dos jovens. Estabeleceram a negação radical a qualquer geração com mais de 30 anos e a antigas formas de organização, caracterizaram-se ainda pela juventude de seus líderes.

Um traço ressaltado por Hobsbawm (1995) dessa autonomia do jovem é o estímulo que recebeu da indústria. O surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido pelos fabricantes de bens de consumo.

Grupos etários não são novidade nas sociedades. A sociedade burguesa já havia reconhecido a juventude como um grupo maduro sexualmente mas ainda em crescimento físico e intelectual e sem a experiência da vida adulta. Mas ficou mais marcado, na década de 1950 e sobretudo na de 1960, o desencontro entre o modo como pais e professores tratavam os jovens e como eles próprios se sentiam - este desencontro agravou as tensões (HOBSBAWM, 1995, p. 318).

Hobsbawm considera que o meio burguês esperava que seus jovens passassem por um período de turbulência e depois se assentassem. Mas a novidade da cultura juvenil era tripla. Primeiro: a juventude não era vista como um estágio preparatório para a vida adulta, mas como o estágio final do pleno desenvolvimento humano. Isso não corresponder de fato à realidade social provava que o mundo estava organizado de maneira insatisfatória. E essa insatisfação tornou-se o móvel para muitas lutas contra os governos estabelecidos. Na opinião de Hobsbawm, concessões silenciosas e talvez não conscientes foram feitas pelo *establishment* dos velhos e não menos pelas florescentes indústrias de cosméticos. No fim dos anos 1960 começa uma tendência a baixar a idade eleitoral para 18 anos e sinal de redução da idade de consentimento para o intercurso heterossexual (HOBSBAWM, 1995, p. 319).

Segunda novidade: a cultura juvenil era ou tornou-se dominante nas economias de mercado desenvolvidas. Por alguns motivos: porque representava uma massa concentrada de poder de compra; e os adultos já traziam a experiência de terem sido socializados numa cultura juvenil autoconsciente. Além disso, a mudança tecnológica sem precedentes, da época, dava à juventude uma vantagem considerável sobre outros grupos etários; houve uma inversão no papel das gerações, o que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio. Isso pode ser notado, por exemplo, na área da informática. Computadores e programas eram projetados por pessoas na casa dos vinte anos, as gerações que não haviam crescido com eles tinham aguda consciência da sua inferioridade em relação à geração que os produzia.

A terceira peculiaridade da nova cultura jovem, apontada por Hobsbawm, foi seu espantoso internacionalismo. O *blue jeans* e o *rock* se tornaram as marcas da juventude, isso se fez com esmagadora hegemonia cultural dos EUA na cultura popular e nos estilos de vida. Esse internacionalismo foi construído explorando vários meios de difusão: discos e fitas, rádio, imagens, contatos internacionais via turismo juvenil, rede mundial de universidades, pela força da moda na sociedade de consumo. Passou, assim, a existir uma cultura jovem global (HOBSBAWM, 1995, p. 321).

Essa cultura juvenil, sempre na opinião de Hobsbawm, se desenvolveu neste momento da história em função da combinação de inúmeros fatores. Aumento do tempo de escolaridade, vastas populações de rapazes e moças vivendo como um grupo etário nas universidades, os adolescentes tinham muito mais poder aquisitivo que gerações anteriores, a época de desenvolvimento dos anos 1950 - chamada de Era de Ouro por Eric Hobsbawm - produziu maior prosperidade dos pais, que tinham menos necessidade do dinheiro dos filhos. Em meados dos anos 1950, a descoberta do mercado jovem revolucionou o mercado de música popular e a indústria de moda. Na Inglaterra, o boom adolescente começou com concentrações urbanas de moças relativamente bem pagas,

muitas vezes com mais dinheiro para gastar do que os rapazes, consumiam principalmente blusas, saias, cosméticos, discos populares, concertos populares (HOBBSAWM, 1995, p. 321).

A identidade da juventude foi marcada pelo abismo histórico em relação às outras gerações. A “Era de Ouro” alargou esse abismo até pelo menos a década de 1970. Para os jovens de uma era de pleno emprego tornava-se impossível entender a experiência de crise da década de 1930 e para os adultos daquela década era difícil entender o comportamento dos jovens. Esse abismo de gerações não se restringiu a países industriais, o declínio do campesinato criou abismos também entre gerações rurais e ex-rurais, braçais e mecanizadas (HOBBSAWM, 1995, p. 322).

Para Hobsbawm, a cultura jovem tornou-se matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes. O surgimento da juventude como um grupo social e autônomo, portador de uma cultura própria está na gênese da questão que vimos analisando neste estudo. Ao delinear os contornos das mudanças na estrutura da relação entre as gerações, Hobsbawm nos oferece importantes elementos para pensar.

A novidade da década de 1950 é que jovens das classes média e alta começaram a aceitar músicas, roupas e até a linguagem das classes baixas urbanas. Hobsbawm supõe que o estilo informal foi uma forma de rejeição aos valores das gerações passadas ou uma linguagem onde os jovens encontravam meios de lidar com o mundo cujas regras e valores ancestrais deixaram de ser importantes.

O campo do comportamento publicamente aceitável, o sexual inclusive, alargou-se, aumentando também a experimentação, bem como a frequência e a visibilidade de comportamentos até então considerados desviantes. “O grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sexuais expressavam, sancionavam e simbolizavam” (HOBBSAWM, 1995, p. 327).

O mais significativo, para Hobsbawm, é que essa rejeição não se dava em nome de outro padrão de ordenamento da sociedade. Paradoxalmente, os que se rebelavam contra as convenções partilhavam as crenças sobre as quais se erguiam a sociedade de consumo de massa.

Hobsbawm considera que a revolução cultural pode ser entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou seja, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Entende que estas texturas são as relações de fato entre seres humanos e suas formas de organização; e os modelos gerais dessas relações e padrões de comportamentos esperados pelas pessoas. As instituições mais solapadas pelo individualismo moral foram a família tradicional e as igrejas organizadas tradicionais. Para Hobsbawm, a prosperidade econômica não deixou ver o impacto da revolução cultural, houve o triunfo do Estado do bem-estar social e do otimismo com o individualismo.

O drama das tradições e valores desmoronados estava na desintegração dos velhos sistemas de valores e costumes, e das convenções que controlavam o comportamento humano. Essa perda refletiu-se no surgimento de políticas de identidade.

Compreender os processos de socialização dos jovens

A discussão atual sobre os jovens, no Brasil, corrobora os aspectos levantados por Eric Hobsbawm sobre a cultura juvenil. Paulo Carrano (2011), um dos principais especialistas brasileiros sobre o tema, por um caminho teórico diferente daquele do historiador britânico, diz que a “questão juvenil” está entre as principais inquietações mundiais. Segundo ele, hoje, jovens têm mais autonomia frente a instituições para construir suas identidades. Sua abordagem, como não poderia deixar de ser a um sociólogo, dá grande atenção para a relação entre o campo de ação dos indivíduos e as instituições e estruturas sociais.

Sem desconsiderar os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas diz respeito ao fato de os sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição. Uma das mais importantes tarefas das instituições,

hoje, seria a de contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais. O peso da tradição encontra-se diluído e os caminhos a seguir são mais incertos. Os jovens fazem seus trânsitos para a vida adulta no contexto de sociedades produtoras de riscos – muitos deles experimentados de forma inédita, tal como o da ameaça ambiental e do tráfico de drogas –, mas também experimentam processos societários com maiores campos de possibilidades para a realização de apostas frente ao futuro (CARRANO, 2011, p. 17).

Com isso, Carrano vai desenvolvendo a questão recorrente em seu trabalho, qual seja, a necessidade premente nas escolas que os professores entendam os códigos da cultura juvenil e dialogue com ela. Destaca uma das características mais importantes dessa cultura, o protagonismo dos jovens, já sublinhada por Hobsbawm.

Esse protagonismo juvenil se dá num mundo marcado pela aceleração do tempo, por novas alternativas de vida apresentadas pelo desenvolvimento científico-tecnológico e por novos padrões culturais nos relacionamentos entre as gerações; é um mundo de riscos e incertezas trazidos por uma globalização ancorada na desigualdade de oportunidades e fragilização das instituições (CARRANO, 2011, p. 8).

Partindo da discussão sobre as maneiras de pensar o jovem, Carrano aponta uma questão fundamental. O ser jovem aparece nas representações sociais das sociedades ocidentais como um período de preparação para o mercado de trabalho, marcado pela expansão da escola e o surgimento de um mercado cultural juvenil. No entanto, “a realização plena deste ideal de jovem liberado das pressões do mundo do trabalho e dedicado ao estudo e aos lazeres é objetivamente inatingível para a maioria dos jovens” (CARRANO, 2011, p. 9). Temos aqui um dado fundamental para compreender a cultura jovem dos adolescentes e jovens da EAJA, muitos deles já assumem as responsabilidades atribuídas aos adultos, têm filhos, trabalham, ajudam em casa ou já possuem sua própria família.

Outro aspecto importante apontado por Carrano diz respeito à passagem da juventude para a vida adulta. Em sociedades urbanas, como a nossa, as fronteiras entre as etapas da vida estão cada vez menos definidas, a falta de linearidade nessa passagem é uma das marcas da experiência dos jovens atualmente. Para Carrano, o importante nesta discussão não é saber se há passagem ou não de uma etapa a outra; o fundamental é levar em conta as várias formas de ser jovem e identificar os pontos nunca fixos de entrada na vida adulta, “em outras palavras, nem todos os jovens vivem a sua juventude como uma situação de trânsito e preparação para as responsabilidades da vida adulta” (CARRANO, 2011, p. 11).

Os jovens moradores de morros, favelas e espaços periféricos da cidade com os quais temos dialogado no Brasil vivem experiências socializadoras – sociabilidades locais e processos ampliados de socialização – em territórios marcados pelo poder das armas, pelo medo e também pelo fascínio exercido por traficantes de drogas e outros criminosos. Os jovens de favela também vivem a crueldade da presença de agentes policiais que agem violenta e corruptamente nessas comunidades, simultaneamente, violentas e violentadas. O quadro da violência física e simbólica é agravado pela sonegação do direito à circulação e fruição sociocultural do espaço urbano. Há evidente estreitamento da mobilidade seja por força de fatores econômicos objetivos associados ao custo do transporte urbano, seja pelos “muros invisíveis” que a cidade impõe aos periféricos (CARRANO, 2011, p. 17).

Levantar a questão do jovem das periferias é algo fundamental na atualização da discussão

sobre a cultura juvenil. Nestes espaços, a estrutura de relações entre gerações se reproduz, o jovem mantém o seu protagonismo como um grupo social autônomo, mas vive uma realidade material e social que cria formas de socialização específicas.

Carrano lembra que o diálogo entre gerações na escola pode acontecer a partir da compreensão dos processos de socialização atual dos jovens, o reconhecimento dos entraves para a vivência do ciclo de vida e entrada na vida adulta, o reconhecimento de experiências positivas, saberes, culturas e possibilidades de ação. Muitos dos problemas que os professores enfrentam na sala de aula têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e históricos em que os jovens estão imersos (CARRANO, 2011, p. 19).

Algumas questões

Este princípio do qual Paulo Carrano parte, o da incompreensão que o professor tem dos contextos não escolares, aponta a necessidade de mudança de atitude desses profissionais em relação a adolescentes e jovens na escola. Neste sentido, gostaria de deixar algumas questões sobre os problemas causados pela presença deste público nas turmas de EAJA, apontados pelos professores.

Primeiro, o problema da autoridade do professor. Quando os professores colocam a questão fica subentendido a necessidade de mudança de comportamento dos alunos, mas aqui é preciso inverter esse pressuposto: não estaria o professor tratando o jovem como a sociedade o tratava antes da chamada revolução cultural? Não estaria esperando dele o que a sociedade esperava antes da referida revolução? Não seria necessário mudar a imagem e expectativa que o professor e a escola têm do jovem? E neste momento da história brasileira, não seria demais perguntar: não estaria o professor demonstrando a histórica dificuldade brasileira de lidar com a democracia?

Outro problema muito reclamado pelos professores é o da falta de interesse do aluno com os estudos, o desrespeito e negligência com a escola. Vimos que depois de tantas mudanças, a partir de meados do século passado, o jovem passou a ocupar um novo lugar na sociedade, tornando-se um grupo social autônomo, protagonista, sujeito importantíssimo para o mercado. É preciso perguntar: qual o lugar do jovem na escola? A verdade é que a escola continua sendo um lugar que retira o protagonismo das pessoas, ainda vivemos um modelo onde o bom aluno é o que não questiona, abaixa a cabeça e cumpre regras. A escola tornou-se um lugar que não dialoga com os elementos de identidade dos jovens: como esperar envolvimento de um público ativo fora da escola que não é chamado a participar, que não tem lugar nas decisões? Além do mais, o desenvolvimento tecnológico, sobretudo das tecnologias de comunicação, colocou sérias dificuldades para o modelo tradicional de aula. Como esperar interesse por um modelo de aula cujo ordinário é o uso do quadro negro e do livro didático? Não estaria os jovens a explicitar a falência de um modelo de escola? Não estaria os jovens a explicitar a necessidade de mudanças no currículo, na organização do tempo escolar e dos espaços escolares?

Como desdobramento destas questões há outra que diz respeito à tão discutida necessidade de valorização do trabalho docente. A defesa dessa questão geralmente produz discursos que versam sobre a importância do trabalho docente para a sociedade. Mas no caso da presença de adolescentes e jovens nas turmas da EAJA, nas questões que envolvem a relação entre gerações, é de praxe os professores operarem com o senso comum. É corriqueiro professores expressando opiniões que operam com a moral para tratar de conflitos geracionais - opiniões que podem ser encontradas no boteco da esquina, no ônibus, na rua, etc. É comum também medidas como levar a polícia para dentro da escola para resolver conflitos cuja origem é o desencontro com as culturas juvenis. Uma questão pertinente, neste caso, é: como querer valorização da sociedade quando o que o professor pode oferecer é possível encontrar em qualquer esquina? A razão de ser de se manter um profissional da educação pago exclusivamente para isso não é que este profissional seja capaz de oferecer para os problemas sociais respostas diferentes daquelas do senso comum? Que sentido faz valorizar um profissional que precisa chamar a polícia para resolver problemas dentro da escola? Esta questão traz no seu bojo aspectos que interferem diretamente no trabalho pedagógico mas que ultrapassam os muros da escola, demandaria um artigo inteiro para discuti-los.

Por fim, a questão principal que levantamos. Que contribuições o conhecimento histórico pode dar para a compreensão dos problemas geracionais nas turmas de EAJA? É difícil responder

objetivamente a essa pergunta, o que se pode dizer é o que se espera. Com a história é possível deixar de pensar os jovens na chave da moral e pensá-los na chave da história. Pensar a partir da história significa entender que valores e comportamentos são cambiáveis no tempo. E, no caso do trabalho pedagógico, mais importante que proceder a juízos de valor sobre as atitudes e comportamentos dos alunos é entender a combinação de fatores que tornou possível tais comportamentos. O que a história nos possibilita é exatamente perceber o movimento dos vários fatores delineando os contornos que irão produzir tal combinação. Essa mudança de compreensão abre caminho para que o professor se disponha a entender os processos de socialização da juventude, a compreensão a partir da moral é produtora de preconceitos e estereótipos.

Pensar a partir da história significa, enfim, compreender as relações e conflitos entre diferentes gerações como um dado estruturante das sociedades humanas e essas relações constituem-se num momento fundamental da formação de indivíduos para a vida social. Assim, o que é considerado um problema pode passar a ser visto como uma possibilidade, o que é um conflito a ser evitado poderá se tornar uma atividade pedagógica a ser colocada em prática. Essa compreensão leva certamente a uma mudança de atitude do professor com os adolescentes e jovens.

Referências

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. In: **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 07-22. set./dez. 2011.

_____. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude**: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. (2007) Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf> acesso em: 02 de novembro de 2015.

DOLLA, Margarete Chimiloski. COSSETIN, Márcia. **A juvenilização da educação de jovens e adultos**. (2013) Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo_simposio_2_35_marciacossetin@yahoo.com.br.pdf> acesso em: 02 de novembro de 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: 1995.

MACHADO, Maria Margarida. RODRIGUES, Maria Emília de Castro. Diversidade geracional na educação de jovens e adultos - implicações para a prática pedagógica. **Cadernos de Pesquisa em Educação** - PPGE/UFES. a. 10, v. 19, n. 37, Vitória, ES, jan./jun. 2013.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. Tradução Gaetano lo Monaco. 7. ed. São Paulo: editora Cortez, 1999.

PREFEITO espanca a filha em nome da moral e é elogiado por internautas. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/prefeito-espanca-a-filha-em-nome-da-moral-e-elogiado-por-internautas.html>> acesso em 04 de dezembro de 2015.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

TALENTO, Biaggio. **Goiás vai terceirizar a educação após experiência na saúde**. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/politica/noticias/1727346-goias-vai-terceirizar-a-educacao-apos-experiencia-na-saude>> acesso em 04 de dezembro de 2015.